

Capítulo 5

Novas juventudes e escolarização

O reconhecimento das diversas maneiras de ser jovem e das múltiplas expressões da condição juvenil, que inclui outras diferenças sociais, como as de classe e gênero, é uma das questões mais relevantes da pesquisa contemporânea. Nos últimos anos tem-se visto os jovens incluídos nos processos de escolarização expressarem de múltiplas formas suas demandas por mudanças nos sistemas de ensino, particularmente dirigidas ao ensino médio.

No entanto, as práticas culturais e sociais dos jovens que, hoje, têm entre 15 a 30 anos, se configuraram nos processos de mudança das relações sociais e dos padrões de regulação dos grupos e instituições. Por isso mesmo, para conhecer o que se entende por jovem e os significados da condição juvenil nas camadas populares urbanas se faz necessário considerar uma análise territorial e temporal concreta das condições na quais as pessoas experimentam e vivem sua juventude. Esta tensão entre os jovens inscritos na escola, uma das grandes matrizes socializadoras embora debilitada, e o distanciamento das instituições educativas por parte de uma grande parcela dos grupos juvenis, situa a relação entre escolarização e juventudes numa encruzilhada. Observando o lugar da escola na vida da maior parte do universo dos jovens pertencentes às camadas populares na Argentina se assinalam dois argumentos principais para explicar o processo de “desfiliação escolar”. Um é o que a considera um dos efeitos da exclusão social, realizado através das políticas educativas que, no processo de reforma neoliberal, deixaram de se preocupar com a educação pública. Junto disso, também se aponta que o afastamento da escola expressa o processo de enfraquecimento da capacidade da educação para inscrever os jovens no âmbito escolar e a perda de referência frente a outros espaços de socialização como as novas tecnologias de informação e comunicação.

Diante da perda de inscrição na ordem instituída pode-se observar a ampliação de novas formas de sociabilidade e subjetividade, ao mesmo tempo em que se produz um fenômeno de permanente individualização. O interesse principal da pesquisa esteve centrado em tentar compreender alguns dos significados da condição juvenil nas camadas populares urbanas, em particular, daqueles grupos que freqüentaram a escolarização média no processo de reestruturação do sistema educativo. Assim, escolhi analisar as formas de sociabilidade desenvolvidas em um grupo de jovens das camadas populares que freqüentam o ensino médio nas escolas para jovens e adultos, considerados como “incorporados”, já que suas práticas são avaliadas através de sua inscrição no âmbito do trabalho, da escola, religioso ou de consumo cultural. As vidas dos jovens transitavam entre a exclusão, a escassez e a fragmentação, numa das piores crises institucionais, políticas e econômicas da história argentina.

A hipótese central que orientava a pesquisa é que poderia haver uma relação entre as formas de sociabilidade praticadas por esses grupos e a inserção no processo de escolarização. Quais as formas de sociabilidade desenvolvidas na família, nos grupos de amigos, colegas e vizinhos e em relação às novas tecnologias de informação e comunicação que poderiam incidir na permanência destes jovens no sistema escolar? Essas relações de sociabilidade têm relação com o retorno (de uma ou mais vezes) à escola na tentativa de concluir o ensino médio? Quais as hipóteses que podemos lançar a fim de conhecer a vinculação entre certas formas e relações de sociabilidade e os processos de escolarização?

A elaboração do problema de pesquisa implicou duas demarcações principais. A juventude não é mais uma passagem, mas um momento da vida no qual se constrói uma multiplicidade de modos de ser jovem (Daryell, 2005). Também, falar de camadas populares hoje supõe uma heterogeneidade social e cultural que não pode ser explicada apenas a partir da dimensão econômica (Merklen, 2005). Junto a isso, foi desenvolvida uma reflexão teórica ao redor do conceito de sociabilidade que viesse a contribuir para o conhecimento das formas e relações de sociabilidade escolhidas para análise. A perspectiva do reconhecimento da heterogeneidade das experiências socializadoras tais como a

família, a escola de ensino fundamental e médio, os amigos, os colegas de trabalho, os membros da uma associação política, religiosa ou cultural etc, oferece evidências de que essas passagens não representam uma descontinuidade absoluta nem tampouco experiências homogêneas e compatíveis. O trânsito por grupos heterogêneos pode inscrever diversos pontos de vista, memórias e tipos de experiência (Bourdieu, 1998; Lahire, 2002), mas nem todas as situações e experiências pelas quais qualquer ser humano atravessa ao longo de sua vida e que formam seus diferentes repertórios de hábitos, são equivalentes. Por um lado, isto favorece o discernimento entre os diferentes momentos da socialização, e por outro, corre-se o risco de pensar que a socialização de um indivíduo passa de um mundo homogêneo (o mundo da família) a um universo heterogêneo. Junto a isso, devem-se analisar as situações daqueles que estão fora de qualquer campo, entre os quais seus *habitus* se definem pela falta de posses, por sua miséria e pela sua situação de dominados (Lahire, 2002).

O conjunto dos jovens pesquisados que freqüentam o ensino médio para jovens e adultos, tanto mulheres como homens, transitam pelas mesmas instituições e quase nas mesmas faixas horárias dos jovens que freqüentam a oferta de ensino médio comum. A diferença se encontra, principalmente, em que podem ingressar somente a partir dos 16 anos, na posição que assumem as professoras e professores frente às características dos estudantes e em certa flexibilidade em relação à freqüência nas aulas.

Os jovens expõem alguns argumentos comuns para justificar a saída da escola e as tentativas de retorno que se viram malogradas, e apresentam outros para explicar a sua volta aos estudos. Tanto as alunas como os alunos enfatizam os benefícios materiais e simbólicos que o certificado escolar oferece, constituindo um requisito básico para a passagem de “ser ninguém” para “ser alguém” socialmente, “para os outros” e também para si mesmos. Na sua visão, tanto a escolarização quanto o trabalho ocupam um papel proeminente para ser e existir socialmente.

Todos os estudantes conservam algumas disposições, crenças e percepções que respondem à lógica da socialização escolar como o desejo de progresso

pessoal e social, o ingresso no mundo do trabalho e uma representação do futuro. Observei também que alguns grupos daqueles que ficaram fora da escola acham que ela não teria nenhuma efetividade para suas vidas, demonstrando resistência a deixar-se moldar por ela. De outra parte, os que se esforçam para permanecer dentro da escola acreditam ainda em suas promessas para o futuro. Porém, não é uma crença cega ou ingênua, mas uma aposta, uma vontade de acreditar, uma necessidade de acreditar na possibilidade de uma vida boa. Os jovens pesquisados não confiam que a conclusão do ensino médio resolva os problemas de trabalho, mas têm a certeza que sem isso as probabilidades de encontrar um são poucas ou nulas, assim como, se também quiserem mudar para um emprego melhor ou melhorar no que têm.

Outra disposição concordante com a lógica da ordem escolar é o reconhecimento da autoridade e o respeito à figura do professor e da professora. A avaliação positiva feita pelos jovens dos professores e das professoras que trabalham no nível de adultos é uma constante. Os alunos ressaltam que na escola de adultos os professores são diferentes porque ajudam, demonstram ter paciência e compreensão, escutam e respondem a todas as perguntas, evidenciam vontade para explicar muitas vezes um tema e geram um clima de confiança criando um sentimento de que na escola se pode falar abertamente, o que faz com se sintam a vontade.

Os estudantes pesquisados, tanto homens como mulheres, convivem em maior ou menor intensidade com suas famílias de origem. As mulheres separadas ou mães solteiras voltaram a viver com sua família natal. Por outra parte, os homens quase nunca falam da constituição de uma família própria e, as poucas vezes que o fazem, explicitam que é um objetivo que está vinculado à realização de certas condições de trabalho e de vida. O prolongamento da saída do âmbito familiar até quase os trinta anos constitui uma característica do grupo pesquisado. Um alargamento temporal equivalente ao comportamento verificado em outras frações sociais no meio urbano.

A sociabilidade ligada à família continua a ter um lugar central na vida dos estudantes que transitam pelo ensino médio no nível de adultos. Continua a ser

uma importante matriz socializadora com uma forte presença no processo de reinserção e continuidade da escolarização. Porém, o que nomeamos família inclui um conjunto diverso de configurações familiares, ou seja, famílias. As formas mais freqüentemente encontradas estão configuradas por um dos pais, em geral, as mães, como resultado da separação dos casais, de serem mães solteiras ou, em poucas ocasiões, pela morte de um dos cônjuges. Às vezes inclui a incorporação dos integrantes que formaram sua própria família e de outros parentes. Em outras ocasiões a família é formada pelas irmãs mulheres com seus filhos. Contudo, o estímulo, a demanda e a ajuda das famílias está presente em todas elas, contribuindo na resolução das tarefas escolares e constituindo uma das matérias principais dos intercâmbios entre os diferentes integrantes do grupo familiar.

As mães dos estudantes tentam prolongar o máximo possível o tempo de escolarização da prole. Para isto desenvolvem estratégias como o acompanhamento e monitoramento das tarefas escolares, a procura dos recursos necessários para atender as demandas de materiais escolares e, no caso das alunas que também são mães, o desenvolvimento da própria escolarização. As mulheres são cientes da responsabilidade que lhes cabe na transmissão da herança cultural. Elas consideram que se aprende pelo exemplo, razão pela qual acreditam que sua atuação escolar vai incidir no desempenho dos filhos. Assim, levam adiante a manutenção e organização do lar, a educação dos filhos e seu próprio processo de escolarização. Junto a isso, a escola é quase o único espaço onde estes grupos desenvolvem uma atividade de aprendizagem de alguns conhecimentos sistematizados. No caso de fazer algum curso fora da escola eles estão orientados a satisfazer alguma demanda do mercado de trabalho.

No entanto, as práticas escolares estão orientadas por uma representação exemplar de família e do que ela deve fazer para acompanhar os objetivos escolares, ignorando significativamente a presença de novas formações familiares nas camadas populares e desconsiderando o que elas efetivamente fazem em relação às demandas escolares. Um esquecimento que constitui um sintoma de um procedimento maior que denominei duplo efeito de esquecimento. As alunas pesquisadas ressaltam que uma das razões centrais pela qual comparecem a escola é a de esquecer-se dos problemas econômicos, familiares e sociais, sendo o espaço

escolar um lugar onde podem descansar dos obstáculos, responsabilidades e tarefas do dia-a-dia. Além disso, a própria lógica escolar nega qualquer alusão à experiência de vida dos estudantes que fica absolutamente fora do tempo e do espaço escolar, o que contribui para sustentar uma visão homogênea dos mesmos. O paradoxo é que enquanto as alunas tentavam esquecer as dificuldades durante o tempo de permanência na escola, os docentes entendem que as preocupações dos jovens são as que lhes impedem de desenvolver com êxito as atividades na aula.

Como se não fosse um recurso suficiente para não interferir nem irromper a visão escolarizada, ao duplo efeito de esquecimento se acrescenta um duplo efeito de homogeneização. Assim, entre as políticas educativas do Estado, orientadas por um sentido de homogeneização e, as concepções e classificações que os docentes fazem das alunas e dos alunos das camadas populares se impõe uma visão que novamente nega o ingresso de qualquer dado social no mundo escolar. Um sintoma disso é a alusão de muitos dos estudantes às suas limitações mentais ou intelectuais e até biológicas (“não sei se minha cabeça dá para isso” ou “não nasci para o estudo” ou “não tinha cérebro para estudar, que de fato não tinha”) que se desenvolvem e inscrevem na passagem pelas diferentes etapas da experiência escolar. Assim, às limitações em relação aos processos de aprendizagem que se atribuem às camadas populares se agregam as “deficiências” do grupo familiar e a condição de pobreza.

Porém, os territórios onde se concentra a vida dos grupos mais desfavorecidos sócio-economicamente são as periferias das grandes metrópoles e os espaços urbanos menores como as cidades e povoados. Estes últimos não oferecem muitas possibilidades para o lazer e a diversão ou outras práticas culturais, o que limita as práticas e consumos culturais dos grupos que não têm suficientes recursos para deslocar-se até outra cidade melhor equipada. Sem cinema, nem museus, nem teatros, nem livrarias, nem *shopping-center*, nem discotecas ou bares, as cidades medianas e pequenas, como no caso da cidade onde se desenvolveu a pesquisa, oferecem como atividades possíveis: os esportes (futebol, rúgbi, artes marciais), encontros na praça, um passeio pela beira do rio, a ida ao ciber, e alguns cursos em escolas de ofícios ou centros culturais ou

esportivos onde se desenvolvem umas poucas atividades a baixo custo (dança, teatro, música, artes gráficas, artes manuais).

Assim, as práticas mais frequentes como escutar música e ver filmes, no caso dos homens, ou assistir a telenovelas, no caso das mulheres, são realizadas no âmbito familiar e acompanhados dos amigos e das amigas. O alto nível de consumo de filmes e seriados na TV aberta, a cabo e em DVD ou vídeo faz com que os alunos tenham uma cultura da imagem muito mais desenvolvida que a da palavra impressa, particularmente entre os homens. As atividades relacionadas com a leitura e a escrita são preferentemente femininas. Trata-se da escrita expressiva (poesia, ensaios, narrações de vivências), a leitura de livros (romance, poesia, auto-ajuda) e a leitura, quase diária, do jornal local. Uma prática comum ao conjunto dos jovens pesquisados e que constitui um dos assuntos das conversas do dia-a-dia são as informações, tanto locais como nacionais e internacionais, que obtém dos programas de notícias da TV e da imprensa escrita (jornais e revistas). O consumo das notícias locais através da TV a cabo e dos jornais ocupa uma posição privilegiada, sendo um recurso necessário dos grupos cujas práticas estão fortemente ancoradas no território.

Embora as alunas se inclinam em maior medida pelos livros, consideram que a Internet é importante para resolver questões práticas relacionadas com o lar, a escola e o emprego. Vários são os obstáculos que limitam a relação das mulheres com a informática, dentre eles as dificuldades financeiras, ausência de conhecimentos de informática, falta de tempo para se deslocar até o ciber, carência de telefone fixo para conexão com a Internet e escasso interesse ou gosto pela atividade. Porém, há alguns indícios do crescimento da vinculação das jovens com as ferramentas informáticas. Entre os homens, são poucos os casos em que não possuem uma relação fluida com a informática nem com a Internet. Em geral, isso se encontra vinculado a uma série de condições tais como a insuficiência de conhecimentos de informática, ausência de necessidade de uso dessas tecnologias nos ofícios desempenhados (pedreiro, bombeiro, eletricista, soldador) e longas jornadas de trabalho. A experiência mais sistemática com as tecnologias está concentrada no grupo de alunos que possuem computador e conexão com a

Internet de banda larga ou fazem um uso intensivo dos recursos tecnológicos no trabalho ou no ciber, combinando diferentes recursos e procedimentos.

Os ciber são os locais onde grupos das camadas médias e populares desenvolvem práticas relacionadas com as novas tecnologias. Situam-se no espaço urbano como satélites das instituições educativas, no lugar que antigamente ocupavam pequenas livrarias ou quiosques com guloseimas, em locais da rua principal da cidade ou em pontos estratégicos dos bairros. Em geral, pode-se observar que o movimento do ciber atinge seu auge entre os adolescentes que dedicam uma boa parte de seu tempo a explorar o espaço virtual. O encontro com pessoas conhecidas ou desconhecidas no bate-papo, os jogos em rede ou os sites destinados a temas relacionados com os interesses juvenis introduzem novas experiências de socialização. Porém, acabam por ser atividades que os jovens pesquisados reconhecem que faziam com frequência, mas que passado um período perderam o entusiasmo e hoje representam uma perda de tempo ou um grande aborrecimento. Na atualidade escolhem os programas onde se encontram com pessoas conhecidas (comunicação on-line), consultam sites específicos vinculados a seus interesses, baixam filmes ou vídeos ou enviam mensagens.

Os grupos de amigos, colegas ou vizinhos desempenham um papel cada vez mais significativo e funcionam como um suporte sócio-afetivo central para todas as dimensões da vida dos jovens. As relações de sociabilidade entre os jovens se desenvolvem ao redor de diferentes atividades. A escola, o trabalho, o clube e o bairro continuam a ser os locais privilegiados para se fazer amizades, havendo preferência pelas relações face a face. No entanto, pode-se observar alguns indícios de relações construídas dentro de comunidades virtuais. As amizades mais duradouras se desenvolvem entre colegas da escola tanto de ensino fundamental como do ensino médio, companheiros de esporte e vizinhos. Uma das duas opções mais escolhidas no questionário, tanto pelos homens como pelas mulheres - “A escola é um lugar onde estou cômodo ou a vontade” e “A escola é um lugar onde faço amigos facilmente” -, evidenciou o papel do espaço escolar no desenvolvimento de laços duradouros entre os jovens. Por outro lado, a escola é um dos temas sempre presente nos encontros, mesmo quando, entre o grupo de amigos alguns não tenham voltado à escola nem estejam pensando em voltar.

O recurso mais utilizado pelo conjunto de jovens e, através do qual não se *sentem* sós, não *estão* sós, é o telefone celular que, igualmente aos programas de comunicação on-line (o mais usado é o Messenger), os mantém ligados nos momentos em que as relações cara a cara não são possíveis. A simultaneidade produz o sentimento de se sentirem acompanhados. As mulheres destacam sentir segurança ao fazer uso do celular para se conectar com a família, amigos e colegas da escola e do trabalho. Entre os homens essa disposição não se expressa com tanta nitidez, entretanto pode-se ver nas práticas. Estar sempre conectado dá segurança e constitui um tipo de experiência, dentro das formas de sociabilidade, que fica entre o mundo à distância, a virtualidade e a complexidade e precariedade do real. A possibilidade de contato com outros em tempo real, ainda que seja de modo virtual ou à distância, predispõe melhor os jovens para realizar qualquer tarefa, por exemplo, as escolares.

Assim, alguns indícios levam a pensar que a irrupção contínua dos celulares nas aulas já não constitui um obstáculo, mas sim um recurso que, deste ponto de vista, favoreceria as disposições para a aprendizagem. Se não há solução para o estado de incerteza e ansiedade e é bastante improvável que as fontes que as produzem se esgotem, como ressalta Baumann (2002), os seres humanos procuram desenvolver formas de recriar algumas condições que diminuam a sensação do risco. Os adolescentes e jovens fazem parte das chamadas *tribos do polegar*, que descreve Rheingold em seu livro *Multitudes inteligentes*¹. A disposição para o uso do celular de forma contínua poderá conduzir, dentro de algum tempo (quando se combinarem de forma massiva às comunicações móveis e às conexões da Internet), um uso mais freqüente do computador principalmente entre as mulheres urbanas pertencentes a algumas frações das camadas populares.

A relação de proximidade dos jovens das camadas populares urbanas com as TIC se produz de forma gradual, mas cada vez é mais intensa. Levando em consideração que a maior parte dos jovens pesquisados dispõe de uma TV com aproximadamente 75 canais, telefonia celular, DVD ou vídeo, às vezes também conexão a Internet nas suas casas ou no ciber, etc, pode-se vislumbrar a

¹ Rheingold, H. *Multitudes inteligentes: la próxima revolución social (Smart Mobs)*. España: Gedisa, 2004. Colección Cibercultura.

perspectiva de uma grande mudança nos processos de socialização. Mas, na escola tudo isso desaparece porque as aulas se desenvolvem como se nada disso acontecesse.

A imagem de um professor ou professora, um quadro-negro e um giz e os alunos juntos numa sala de aula continua sendo a forma escolar oferecida aos jovens. Durante as minhas observações fiquei impressionada com a cena de uma aula de caligrafia onde se faziam exercícios a mão, reproduzindo distintos formatos de letra, enquanto os sinais luminosos e o barulho dos telefones celulares interrompiam o tipo de concentração que a tarefa demandava e que hoje em dia são resolvidos pelos programas de informática. A professora ignorando a mensagem para a vida escolar expressa pelos sons dos *ringtones*, tentava convencer os alunos e as alunas que o acordo de convivência da instituição tinha limitado o uso dos aparelhos porque em caso de urgência dispunham de dois telefones fixos para que eles pudessem se comunicar. Apesar disso, os telefones celulares nunca foram apagados. Este é um exemplo que poderia muito bem contribuir para sustentar a teoria dos mundos simultâneos.

Finalmente, a totalidade dos jovens entrevistados compartilha uma visão negativa das instituições ligadas à vida política tais como partidos políticos, instituições do estado, sindicatos, movimentos políticos de base e outros. Assim, mesmo declarando não participar da política e não gostar de política e, mais especificamente, das instituições políticas, falam delas com desprezo, mas se declaram preocupados com diferentes temas políticos. As principais inquietações são as dificuldades econômicas e o desemprego, os problemas familiares tais como a ausência dos pais em relação com os filhos, os problemas de insegurança e violência, o enfraquecimento da solidariedade, a preocupação com a contaminação provocada pelas indústrias e seus efeitos na saúde e as guerras provocadas pelos Estados Unidos.

Durante a análise realizada pude observar que há uma diminuição da preponderância das principais agências de socialização na vida dos jovens, como são a escola e a família, em favor de outras, tais como os grupos de amigos e as TIC. Os estudantes continuam a reconhecer a escola como um lugar onde

desenvolvem relações de amizade, adquirem alguns conhecimentos para a formação pessoal e o desempenho social e obtém um certificado escolar pode ajudar-los a se inserir no mundo do trabalho. No entanto, a eficácia simbólica da escolarização, tal como foi realizada durante os séculos XIX e XX na Argentina, orientada pelo discurso da cidadania e da nacionalidade, está em declínio.

Também é importante assinalar que as instituições educativas não reconhecem nem no discurso nem na prática nenhuma outra agência de socialização, nem sequer a família. Pelo contrário, sentem que a perda de eficácia da escolarização deve-se ao fato de que a família, sua principal aliada histórica no trabalho de inculcação, questiona cada vez mais a legitimidade das posições da escola para intervir nas práticas juvenis. As agências como os grupos de pares ou as TIC, obtém reconhecimento escolar somente nos casos de cumprir com as diretivas que a escola define. Quando isso não ocorre ou quando apresentam posições diferentes das da escola, são consideradas então agências responsáveis pelo “baixo nível” e pela “ausência de respeito às normas” por parte dos jovens.

Porém, a família e os amigos, como se pode observar no estudo, possuem um papel fundamental na consecução da escolarização. Inclusive os pais ou os amigos que não completaram o ensino médio, estimulam os jovens das camadas populares a superar as dificuldades e completar os estudos. A família partilha com os grupos de amigos a responsabilidade de incentivar os jovens a continuarem a estudar, razão pela qual as questões da escola convertem-se em um tema de conversa no dia-a-dia.

As novas tecnologias da informação e da comunicação estão ocupando, progressivamente, papéis relevantes na vida dos jovens, que não as consideram como opostas à cultura escolar senão diferentes dela.

Os jovens das camadas populares freqüentam instituições educativas que não têm os recursos materiais e didáticos indispensáveis para trabalho escolar, tanto de ensinar como de aprender. Muito menos distribuem algum desses recursos entre os estudantes que, pelo contrário, devem fazer inúmeros esforços para procurá-los. A pobreza de recursos materiais de todo tipo experimentada no

espaço escolar, contrasta com os recursos dos jovens que, ainda que escassos, acessam por meio de diversas estratégias coletivas. Estas estratégias estão ligadas às formas de sociabilidade. Filmes, séries, documentários, jornais e sites dos mais diversos temas são vistos pelos estudantes na TV aberta e a cabo, no vídeo, no DVD ou na Internet. Eles também conseguem ter algumas experiências com os textos impressos como livros, revistas e jornais que constituem materiais quase desconhecidos na experiência escolar porque foram substituídos, faz muito tempo, pelas cópias (xérox).

Assinalar esta questão supõe pensar no conjunto de relações e disposições que são postas em jogo no processo de compartilhamento dessas experiências ligadas às tecnologias. São categorias de experiência que constituem um território, oferecem um conteúdo e uma forma, que correspondem a formas de interação social. Também, essas práticas contribuem para definir a agenda de questões, temas, gostos e interesses que constituem a visão dos jovens. As culturas juvenis ligadas à música (rock, pop) ou a filmes e literatura (o estilo gótico, por exemplo) ou a problemas como a contaminação do meio ambiente ou de política internacional como as guerras no Oriente Médio e suas conseqüências mundiais, são alguns dos temas que debatidos em diferentes meios de informação e comunicação e que são objeto da reflexão dos jovens. Os estudantes sentem que essas questões têm ou podem ter tanta influência na sua vida como a economia e o desemprego, a insegurança e violência e os problemas familiares.

Apesar de tudo, os estudantes não são críticos de nenhuma das condições em que se desenvolve o trabalho escolar, parece que é a deteriorização da oferta escolar é uma condição que já está naturalizada. Eles nem sequer fazem menção a esta situação. Possivelmente este silêncio tem estreita relação com o consenso generalizado a respeito das causas que levaram a presente situação, tais como a reforma educativa dos anos 90, os baixos salários docentes, a ausência de manutenção dos prédios e bens escolares e a perda de significação social da educação pública fruto do encolhimento do Estado.

Mesmo assim, a escolarização representa para os jovens um processo que pode contribuir de modos diversos na melhoraria de suas vidas, ainda que eles não

saibam efetivamente o alcance de seus efeitos benéficos. Perguntamos então, o que provoca a saída da escola? Os estudantes assinalam que deixar os estudos tem a ver com o fato de terem conseguido um trabalho ou por não terem tido suficiente acompanhamento e força de vontade para superar os muitos obstáculos surgidos no caminho que leva ao certificado escolar. No entanto, o que fica muito visível é a ausência de políticas de qualquer nível orientadas para o incremento da retenção escolar. Os planos de ajuda social não conseguem satisfazer nem as necessidades básicas nem tampouco cobrir os gastos que uma escolarização prolongada demanda. Um conjunto de políticas combinadas deveria ser levado adiante para enfrentar as condições e necessidades que estas novas juventudes nas camadas populares apresentam. O mundo mudou e os jovens mudaram junto com ele, será que a escola conserva alguma possibilidade de mudar também?